

O Mané Calado do Sertão

Por THIAGO

G. DE OLIVEIRA

Hoje, às 8 horas da manhã, saia eu de casa, para o trabalho, quando, de chofre, casualmente me encontrei com um moço misântropo, pálido, alto e magro.

Tão imensamente crescido e esguio, que nos dava a impressão de algum funcionário da Fôrça-Luz, andando aquelas horas a verificar nos postes, sem necessidade de escada, as lâmpadas elétricas que não acenderam à noite. E como na sombra de sua tristeza tudo era melancólico, achavam-se apagadas em seus olhos as luzes da alegria transformada em a noite da existência.

Danou-se, disse eu, de mim para comigo, será que Mané Calado anda também por aqui? Sim, porque via eu aquela figura, que bem simboliza a dos homens que não conseguiram ser nédios, porque iniciaram, numa infância cheia de incertezas, a luta pela existência. E, de repente, lá se foi, voando nas asas da saudade, o meu pensamento. Indo, como um pássaro ferido, bater nas várzeas de um sítio denominado Bonômio, perto de Alagoa do Monteiro, cidade do Cariri, no sertão da minha saudosa Paraíba, onde já havíamos visto um sócio do moço com que me deparei, há pouco. O rapaz era tão parecido com o meu amigo caboclo,

que só lhe faltavam o chapéu de couro e uma faca de Pejú de Flores, de uma banda, e de uma alva dentadura sólidamente implantada nos maxilares. Porque era tal qual o cabra dos olhos de japonês e rosto de malaio, que conheci no meu querido sertão, de que não me esqueço, um só momento, por causa da simplicidade de sua gente e brasilidade de seus filhos.

Ah, meu Deus, quanta recordação me aborda o espírito nesta hora, quanta tristeza, quanta dôr, quanta saudade... ao recordar-me de Mané Calado, do Bonômio com seus açudes, com seu joazeiro, um umbuzeiro ao lado do chiqueiro das cabras e o Galo da Campina, que nos acordava ao romper da aurora, e a rolinha fogo-pagou, que soluçava, numa árvore seca, chamando a companheira que se extraviou algures, à procura de uma fonte, onde pudesse mirar a sua beleza selvagem e saciar a sua sede de pássaro-poeta, que não é bem isso, porque já não tem mais pouso certo... E a Asa Branca do açude do Reveso, aonde andarás a estas horas? Talvez feito eu e Mané Calado, à procura dessa mentira, que os homens chamam felicidade... E ao ver eu aquela figura exótica de homem, que me causou tanta recordação, vi o Mané Calado do sertão das feiras do Cariri, o rapaz que conheci e que em nada contrastava com o nome, porque ali naquele corpo de sertanejo, criado com carne de sol e rapadura, fugira o espírito para se alojar o silêncio; se ele fosse um bicho, eu diria que era a marmota, padrão de feiura e de vida oscilante, de que tanto tratam os biólogos. E, mesmo porque é comum em o Nordeste, quando se encontra algo feio, dizer-se: aquilo parece u'a marmota. A figura de meu personagem se casava tão bem com o nome, que um não mais viveria sem o outro. Tudo era mesmo solenemente calado, embora diga Euclides da Cunha que a calma, a lesma em que por vezes é transformado o sertanejo, seja apenas aparente. Mas, Mané Calado, coitado, dir-se-ia um corpo sem espírito.

Vejam como é a vida... Há tanto contraste nas atitudes das pessoas com o nome que possuem, que chegam, mesmo, a ser aberrantes. É comum encontrarmos um Alexandre que do Macedônio só tem o físico; um Aníbal Leão que não é capaz de atravessar um riacho a vau ou escalar insignificante môrro. No entanto, há Carneiros que são verdadeiros heróis, pois, todos conhecem a intrepidez do General Carneiro, que defendeu, palmo a palmo, a legendária cidade da Lapa, no Paraná, que só tem sido motivo de orgulho para o Brasil e honra para as classes armadas, os feitos épicos de seus filhos. Quanto aos Napoleões, não necessitamos longas citações ou exemplos, ali está a bandeira de redenção e batalha, desfraldada pelo heroísmo sobrehumano de Napoleão Laureano, o homem que declarou guerra ao flagelo-mór da humanidade, o câncer!

E Mané Calado, coitado, amoldou-se ao nome, e o seu exemplo calou tão profundamente em seu espírito, que hoje, ao me recordar daquele homem simples, continuo calado para aprender a sua lição, porque quem fala pouco aprende mais...